

Irene Gaeta Arcuri <iarcuri@uol.com.br>

- Psicóloga
- Doutora em psicologia clínica - PUC/SP
- Especialista em Práxis Artística Interface com Saúde - USP
- Coordenadora do curso especialização em Psicoterapia Junguiana - UNIP
- Coordenadora do curso Corpo e Arte - PUC/Cogea
- Membro trainee - IJUSP

Paula Daré <pauladare@uol.com.br>

- Psicóloga, especialização em Cinesiologia - Instituto Sedes Sapientiae
- Membro trainee - IJUSP

Vincent e Théo: O Amor Fraterno

A experiência fraterna tem um impacto estruturante na constituição da individualidade. O relacionamento fraterno é fonte e referência para todos os relacionamentos onde se tenha um encontro entre iguais. A imagem do irmão tem profundo impacto na alma. Gostaríamos de destacar alguns trechos da correspondência entre Vincent e Théo que sugerem as hipóteses por nós levantadas. É importante lembrar que as cartas nos oferecem uma maior compreensão da vida, da obra e do momento cultural em que Vincent e Théo viveram. A leitura das cartas redimensiona o entendimento do artista, suas emoções e motivações e elucida a personalidade de Théo, sua ligação e preocupação com Vincent. Luciana Godoy (2002), Walther e Metzger, organizadores das obras completas, veem nas cartas uma outra face da obra do artista e que tem no irmão o depositário desta expressão. As correspondências mostram todo um processo de elaboração de cada um deles, e nos fazem pensar como este debruçar-se para escrever era uma maneira de tratar a alma.

Vincent van Gogh - Auto retrato, 1889
Musée d'Orsay, Paris.
<<http://www.ibiblio.org/wm/paint/auth/gogh/self/gogh.self-orsay.jpg>> Acesso em 10.nov.2012.

Vincent van Gogh - Retrato de Theo, 1887
Van Gogh Museum, Amsterdam.
<<http://www.vangoghmuseum.nl/vgm/index.jsp?page=1937&collection=1288&lang=en>> Acesso em 10.nov.2012.

Por que reparas no cisco
que está no olho do teu
irmão, quando não percebes
a trave que está no teu?
... retira primeiro a trave
do teu olho, e só então verás
bem para retirar o cisco
do olho do teu irmão.
(Mateus 7: 1-5)



Vincent e Theo Van Gogh
quando jovens.
<<http://www.parisprovencevangogh.com/arlles/the-yellow-house>> Acesso em 10.nov.2012.

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão sobre o relacionamento entre Vincent van Gogh e seu irmão Théodorus à Luz da Psicologia Analítica.

Vincent foi o primeiro filho de Théodorus van Gogh e Anna Cornélia van Gogh, após um natimorto com o mesmo nome, que nascera um ano antes, exatamente na mesma data de seu nascimento. Vincent nasceu em 30 de março de 1853 na Holanda, seu pai era um pregador da Igreja Reformada (calvinista), e sua mãe, filha de um encadernador.

Théodorus, mais conhecido por Théo, nasce em 1857. Ao todo são seis irmãos.

Os membros da família de Vincent já tinham tradição como negociadores de arte e um primo pintor, chamado Anton Mauve, lhe oferece as primeiras orientações. Vincent passa por uma longa peregrinação até assumir-se como artista. Começou a trabalhar aos 16 anos na galeria de arte de Haia, que fora fundada por seus tios e adquirida mais tarde pela firma parisiense Goupil. Após uma decepção amorosa, por volta de 1876, pensa em enveredar para a vida religiosa e tornar-se pregador na região de Borinage, na Bélgica. Nesta ocasião parte e volta para casa dos pais várias vezes e passa por decepções amorosas até começar a pintar, em 1880. Os comedores de batata, de 1885, é considerada sua primeira obra importante.

De 1886 a 1888, fica com Théo em Paris, conhece pintores importantes e sonha em ter uma comunidade de artistas. Em fevereiro de 1888, vai para Arles, onde passa um tempo com Gauguin e, após uma crise entre ambos, se automutila, cortando a parte inferior de uma de suas orelhas. Em 1888, fica internado em um sanatório em Arles e, posteriormente, em Saint-Rémy. Em 1890, passa um tempo em Auvers, sob os cuidados do Dr. Gachet e, em 27 de julho de 1890, atira contra si mesmo e morre dois dias depois, ao lado de seu irmão Théo.

Théo trabalha ao longo de sua vida na Galeria Goupil, estabelecendo-se em Paris e tendo sempre contato com arte e artistas. Casa-se em 1889 com Johanna Bongers e, em 31 de janeiro de 1890, nasce seu filho, a quem dá o nome de Vincent.

Vincent viveu toda sua vida com escassos recursos financeiros, sempre dependente de seu irmão Théo, que o apoia também emocionalmente. Há uma grande correspondência entre eles iniciada em 1872 e que revela os traços deste intenso relacionamento.

Théo, através de seu apoio a Vincent, traz a possibilidade de realização do gênio por detrás do homem desajustado, sem jamais abandoná-lo ou desacreditar de seu talento.

As cartas enviadas de modo frequente funcionam como um fio que liga Vincent à realidade e traduz seus sentimentos, emoções e empreitada através da arte. É como se esta relação lhe proporcionasse suficiente confiança para deixar-se tomar pelo processo criativo.

Após a morte de Vincent, Théo entra em um estado depressivo, mas ainda assim, tenta realizar uma exposição póstuma em seu apartamento. Em outubro de 1890, entra em estado de confusão mental e paralisia progressiva e em novembro é internado, passa por duas clínicas e um sanatório em Passy, até ser novamente internado em Utrecht, na Holanda. Falece dois meses depois, aos 33 anos, por complicações da sífilis.

Hoje estão enterrados lado a lado no cemitério de Auvers, na França.

Para a discussão deste trabalho elegemos o arquétipo fraterno como tema, entendendo o fraterno como possibilidade de desenvolvimento da alteridade, onde a pessoa se constitui a partir do olhar do outro e através das experiências de solidariedade e companheirismo, que convivem com a inveja, hostilidade e autoritarismo.

Qual o papel de Théo na vida de Van Gogh? E o que Van Gogh favorecia para Théo?

Levantamos a hipótese de que Vincent se aproxima de um perfil intuitivo introvertido. Não raro, os intuitivos estão à frente de sua época e geralmente suas obras são admiradas *a posteriori*. Ele vai em busca, muda-se com frequência de lugar, mesmo quando está seguro ao lado de Théo. Em uma de suas cartas, diz:

"... em vez de reproduzir exatamente o que veem meus olhos, uso a cor por conta própria para me expressar com vigor" (Van Gogh, 2006, p.20). Através desta frase, vemos que ele tenta expressar uma imagem interior, a impressão que o objeto causou dentro dele. O pensamento parece ser a função auxiliar, observa-se em suas cartas, sua argumentação e racionalidade. O sentimento parece expressar-se através do trabalho artístico: "Não sei se poderei pintar o carteiro como o sinto"

(Van Gogh, 2006, p.250 – (521)).Théo parece ter um lado mais pragmático: além de sua própria, família sustenta o irmão e, mais tarde, sua mãe, já viúva. É um atento observador e avaliador de arte: podemos inferir que Théo se aproxime mais de um funcionamento de sensação extrovertida, sendo que o sentimento parece ser outra função importante em seu caráter. Chama-nos a atenção que logo após a morte de Vincent, Théo agrava muito seu estado, vindo a falecer. Levantamos a hipótese de uma relação simbiótica e complementar, em que um não pode sobreviver ao outro.

A temática de irmãos muito ligados aparece em mitos e histórias como Cosme e Damião, que é a versão católica do mito de Cástor e Polux. Ainda na mitologia grega, temos Apolo e Artemis, Idas e Linceu. Rômulo e Remo na mitologia romana, Osiris, Set, Ísis e Neftis na mitologia Egípcia, Caim e Abel e Esaú e Jacó na história bíblica, os Ibeji na mitologia Yorubá, que são divindades gêmeas, Gilgamesh e Enkidu na mitologia suméria, entre tantos outros.

Para amplificarmos, gostaríamos de lembrar o mito dos gêmeos Castor e Pólux, que é uma história de amizade e cumplicidade. Zeus, apaixonado por Leda, rainha de Esparta, transforma-se em um cisne para conquistá-la. A rainha já estava grávida de seu marido, Tintaro. Leda põe dois ovos e de um deles nascem Helena e Pólux, que são imortais, e do outro nascem Castor e Clímnestra, que são mortais. Castor e Pólux nunca se separavam, eram soldados e dados a confrontos. Quando lutaram com outro par de gêmeos, Idas e Linceu, Castor foi morto por Idas e Pólux matou Linceu e Zeus matou Idas. Pólux, não conseguindo ficar sem o irmão, pede a Zeus que o mate. Zeus, então, concede a eles a possibilidade de passarem um dia no reino do Hades e um dia no Olimpo.

Quando a relação complementar e simbiótica é rompida, a premente necessidade de assimilar os conteúdos projetados pode gerar uma crise. Segundo Von Franz (1988), Jung define a projeção como a transferência inconsciente de um conteúdo psíquico para um objeto exterior. Este fato psíquico é percebido fora e depositado no objeto. O conteúdo projetado é tido como parte da identidade do receptor da projeção. Quando a projeção é recolhida amplia-se a consciência, mas nem sempre se trata de um processo fácil.

A separação do conteúdo projetado no objeto e seu retorno à origem só se efetiva se este conteúdo for ligado a seu significado. Passamos a reconhecer algo que estava sendo visto fora como pertencente a nós: com isto há uma alteração da dinâmica psíquica, pois agora a energia ligada à projeção está à disposição do ego. A projeção ligada a aspectos da sombra requer que o indivíduo tenha humildade para reconhecer determinadas características em si mesmo e a projeção positiva, na sua reintrojeção, pode causar uma inflação. A retirada das projeções nos faz ser responsáveis pelas agruras ou talentos antes depositados no objeto. O reconhecimento do conteúdo projetado nos faz sair da condição de plateia e nos coloca como protagonistas.

No caso de Théo, com a morte do irmão parece ter havido uma impossibilidade de realizar esta reintrojeção. Debilitado pela dor da perda, sua doença avança, levando-o à morte.

Segundo Sharp (1991), perda da alma é um termo derivado da antropologia, que diz respeito a uma desorientação. Nas sociedades primitivas, cabe ao xamã trazer a alma de volta; para o homem civilizado, esta perda corresponde a um

rebaixamento do nível mental. Théo parece ter vivido uma literal perda da alma, fica desorientado e perde a sequência de sua própria vida.

Outro mito – que o episódio da mutilação da orelha, por parte de Vincent, nos faz lembrar – é o do orixá Obá. Xangô tinha três esposas: Oxum, Iansã e Obá.

Obá pergunta a Oxum como e porquê Xangô lhe dá amor. Oxum conta uma história sobre preparar a comida de Xangô com parte da sua orelha, tendo a cabeça coberta por um turbante. Obá corta sua própria orelha para servir a Xangô, que fica horrorizado quando sabe de toda a história. Oxum tira o turbante para desmentir Obá e precipita-se uma briga entre as duas. Xangô, então, transforma as duas em rios. O mito de Obá nos conta sobre a necessidade de ser amado e os sacrifícios empenhados para que isso aconteça.

Para Barcelos (2009), "a experiência do arquétipo do irmão, e da função fraternal em nossas vidas, faz parte da atividade mitologizante da psique: mesmo sem a vivência literal de um laço de sangue, buscamos pelo irmão e construímos histórias fraternas (p. 39).

No irmão nós buscamos referências, nos diferenciamos. Criamos através da imagem do irmão uma para nós, construída de semelhanças e diferenças.

De acordo com König (1995) e Barcelos (2009), a ordem de nascimento pode estabelecer um *modus operandi* na vida adulta. Não é à toa que o primogênito, de modo geral, encontra mais dificuldade de fugir das expectativas parentais e tem que formar uma imagem em relação à sua identidade, ainda que não tenha referências para isso.

Vincent é o filho mais velho e tenta levar adiante as expectativas da família em relação a seu futuro, trabalhando como negociador de arte e, posteriormente, tentando seguir a profissão do pai, mas não conseguiu levar seus projetos em frente. Nutriu, durante toda sua vida, o desejo de criar uma comunidade de artistas onde encontraria um sentimento de pertença e identidade.

Os filhos do meio, ou aqueles que estão na zona intermediária, também apresentam sua dinâmica característica. Já nascem dividindo, não conhecem a exclusividade e tendem a ser melhores mediadores.

Théo é o terceiro filho entre seis. Ele cumpre a tradição familiar como *merchant*, mas acreditamos que através de seu desejo de ajudar e apoiar Vincent, Théo vivenciava a liberdade e a criatividade.

A experiência fraterna tem um impacto estruturante na constituição da individualidade. O relacionamento fraterno é fonte e referência para todos os relacionamentos onde se tenha um encontro entre iguais. A imagem do irmão tem profundo impacto na alma.

Gostaríamos de destacar alguns trechos da correspondência entre Vincent e Théo que sugerem as hipóteses por nós levantadas. É importante lembrar que as cartas nos oferecem uma maior compreensão da vida, da obra e do momento cultural em que Vincent e Théo viveram. A leitura das cartas redimensiona o entendimento do artista, suas emoções e motivações, e elucida a personalidade de Théo, sua ligação e preocupação com Vincent.

Luciana Godoy (2002), Walther e Metzger, organizadores das obras completas, veem nas cartas uma outra face da obra do artista, e que tem no irmão o depositário desta expressão.

As correspondências mostram todo um processo de elaboração de cada um deles, e nos fazem pensar como esse debruçar-se para escrever era uma maneira de tratar a alma.

Johannavan Gogh-Bonger (2004), em seu livro que narra a vida do cunhado, mostra sua preocupação com a publicação das cartas, pois não achava justo que a personalidade dele chamasse mais a atenção que suas obras, para as quais dedicou sua vida. De modo que, ter passado 24 anos desde a morte de Théo até a publicação da correspondência, pode ter assegurado este cuidado.

CORRESPONDÊNCIA

Sobre as características intuitivas de Vincent:

"Não posso fazer nada se meus quadros não vendem. Contudo dia virá em que veremos que eles valem mais do que o preço que nos custaram em cores e minha vida, afinal bem pobre". (V 557)¹

"Parece-me sempre que sou um viajante, que está indo a algum lugar, que tem um destino."

"Se digo a mim mesmo que este lugar, este destino, simplesmente não existe, isso me parece bem razoável e verídico." (V 518)

"Muitas vezes ainda quebro a cabeça para começar, mas assim mesmo as cores se sucedem como que sozinhas, e ao tomar uma cor como ponto de partida, me vem claramente à cabeça o que deduzir e como chegar a dar-lhe vida." (V 429)

Sobre a sensação inferior de Vincent:

"Quando um ou outro vem me dizer que eu seria um mau financista, mostro-lhe minhas instalações. Eu fiz o melhor que pude, irmão, para fazer com que você possa ver (e não somente você, mas qualquer um que tenha olhos) que me esforço, e às vezes consigo, para fazer as coisas de um modo prático." (V 218)

"Só que muitas vezes o trabalho me absorve tanto que eu acho que continuarei sempre abstraído demais e desajeitado para me virar também com o resto da vida." (V 591)

"Você está com toda a razão, quando diz que eu chegaria a melhor resultado se fizesse bons quadros ao invés de discutir questões revolucionárias." (V 384)

"Meu querido Théo, começo por te dizer que a carta que você não recebeu foi mal endereçada por mim, e me chegou de volta tal qual. Num momento de abstração bem característico, eu a enderecei à rua Laval, em lugar da rua Lepic." (V 479)

Características das funções sensação e sentimento de Théo:

"Por favor, conte-nos em sua próxima carta qual a sua opinião sobre o lugar em que você está. Como está sendo tratado, se lhe dão comida o suficiente, qual é o comportamento das pessoas com quem tem de lidar. Você tem permissão para andar pelo campo?. Acima de tudo não se desgaste demais, nem física nem mentalmente, porque, neste momento, o melhor é fazer de tudo para recuperar suas forças. Depois disso, poderá voltar a trabalhar com toda a naturalidade." (T 9)

Comentário de Théo a respeito dos planos de ser um comerciante independente, mas que por fim escolhe uma posição conservadora:

"Enquanto escrevo, estou chegando à conclusão de que este é meu dever, porque se mamãe ou Jô, ou você, ou eu mesmo, nos resignarmos a passar fome, isso não vai nos fazer o menor bem – muito pelo contrário. Qual seria a vantagem, se você e eu nos puséssemos a correr o mundo como um par de mendigos sem qualquer recurso e sem ter ao menos o que comer? Ao contrário, mantendo firme nossa coragem e vivendo, todos nós, sustentados por nosso mútuo amor e estima recíproca, obteremos maior progresso. O que você tem a me dizer quanto a isso, companheiro?" (T 39)

"... seus últimos quadros me fizeram refletir muito sobre o estado de sua men-

te no momento em que os pintava. Em todos eles há um vigor em colorir que você não tinha alcançado anteriormente – somente isto já é uma rara qualidade – mas você chegou ainda mais além e, se existem algumas pessoas que tentam encontrar o simbólico através da tortura deliberada das formas, eu observo esta mesma atitude em muitas de suas telas, especialmente na expressão do epítome de seus pensamentos sobre a natureza e as criaturas vivas, essas qualidades que você acredita serem tão fortemente inerentes a elas. Mas como seu cérebro deve ter mourejado e como você arriscou tudo, até chegar ao próprio limite em que a vertigem é inevitável!

Por este motivo, meu caro irmão, quando você me contou que estava trabalhando novamente, fiquei feliz e preocupado ao mesmo tempo. Feliz porque ao entregar-se ao trabalho, você evita entrar no estado de espírito a que sucumbem muitos dos pobres infelizes que aí estão. E preocupado, porque acho que você não deveria jogar-se nestas regiões misteriosas de onde, com certeza, não se sai impunemente. Evite estas experiências mais radicais, enquanto não estiver plenamente recuperado, não se incomode mais que o necessário, porque, se você não fizer nada mais além de simplesmente contar o que viu, já haverá suficientes qualidades na tela para fazer com que sua pintura se torne permanente no tempo..." (T 10)

Sobre a identificação e complementaridade entre ambos:

"Em sua última carta, você escreveu que éramos irmãos por mais de uma razão. É assim que eu também me sinto e embora meu coração não seja tão sensível quanto o seu, posso compreender seu sentimento de estar sufocado por tantos pensamentos que não podem ser concretizados. Nunca perca a coragem e lembre-se de quanto eu sinto falta de você". (T14)

"E digo: pintemos e produzamos em abundância e sejamos nós mesmos com nossos defeitos e nossas qualidades; digo nós, pois o dinheiro que você me envia, este dinheiro que eu sei, custa-lhe muito a ganhar para mim, lhe dá o direito, se algo de bom resultar do meu trabalho, de considerá-lo como sendo em parte de uma criação sua". (V 399)

"... não nos ocupemos demais um do outro, já que fortuitamente, as circunstâncias de viver em situações tão distantes de nossas concepções juvenis sobre a vida de artistas haverão ainda sim de nos irmanar como sendo, sob muitos aspectos, companheiros de destino." (V 603)

"... pegue o que mais lhe agrada, (gravuras), tenho certeza de que cada vez mais temos o mesmo gosto." (V 630)

"Durante a viagem pensei em você no mínimo tanto quanto na nova região que eu avistava. Ao menos imagino que, com o tempo, talvez de vez em quando você venha para cá." (V 463)

Sobre a morte de Mauve:

"Só um não sei o quê me tomou e me apertou a garganta de emoção, e escrevi sobre o quadro (que havia pintado):

Vincent e Théo

... e se você achar bom, nós dois o enviaremos a Mme. Mauve. Peguei de propósito o melhor estudo que fiz aqui; não sei o que dirão em casa, mas isto nos é indiferente." (V 472)

"Se você dissesse a Rivet que está tão preocupado comigo, certamente ele o tranquilizaria dizendo-lhe que, porque há tanta simpatia e comunhão de ideias

entre nós, você sente um pouco a mesma coisa. Não pense tanto em mim, como uma ideia fixa, aliás, sabendo-o calmo, eu me viraria melhor..." (V 578)

"Quanto a você, você descobriu seu caminho, meu velho camarada, sua caruagem tem rodas firmes e fortes, e também estou começando a descobrir o meu graças a minha boa esposa. Porém vá com calma, refreie seus cavalos um pouco, para que não sofra nenhum acidente: quanto a mim, uma ou outra chicotada ocasional, não me faria mal." (T39)

"... eu não sei se no fundo você é um homem de negócios. No fundo, bem no fundo, vejo em você o artista, o verdadeiro artista." (V 333)

A última carta, encontrada no bolso de uma roupa de Vincent, na ocasião de sua morte:

"Pois é, realmente só podemos falar através de nossos quadros, contudo, meu caro irmão, existe isso que eu sempre lhe digo e novamente voltarei a dizer com toda a gravidade dos esforços de pensamento assiduamente orientado a tentar fazer o bem tanto quanto possível – volto a dizer-lhe novamente que sempre o considerarei como alguém que é mais do que um simples mercador de Corots, que por meu intermédio participa da própria produção da tela, que mesmo na sua derrocada conserva sua calma. Pois bem, em meu próprio trabalho arrisco a vida e nele minha razão arruinou-se em parte..." (V 652)

CONCLUSÃO

O relacionamento de cumplicidade, amor e aceitação que Vincent e Théo tiveram, traz uma beleza que transcende qualquer tentativa de classificá-lo psicologicamente. Todos nós buscamos que nossos sonhos e caminhos sejam legitimados pelo olhar do outro, no entanto Théo não se permitiu experimentar-se como artista e Vincent, com toda sua dificuldade de adaptação e tomado pelo processo criativo, deixa para Théo sua ligação com o mundo, permanecendo ambos com parte de suas almas depositadas no outro. ❏

Notas

1. Os números ao final de cada carta indicam a cronologia da correspondência completa.

Referências bibliográficas

- BARCELOS, G. *O irmão – psicologia do arquétipo fraterno*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- BONGER, V.G.J. *Biografia de Vincent Van Gogh por sua cunhada*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- COLI, J. *Vincent Van Gogh – A noite estrelada*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- GAMBINI, R. *O espelho índio, a formação da alma brasileira*. São Paulo: Axis Mundi / Terceiro Nome, 2000.
- GODOY, L.B. *Ceifar e Semear – a correspondência de Van Gogh*. São Paulo: Annablume, 2002.
- KONIG, K. *Irmãos e irmãs*. São Paulo: Antroposófica, 1995.
- MAESSO, M.C. *O luto da criança morta: uma leitura pelo método psicanalítico* - Tese de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – São Paulo, 2005.
- SHARP, D. *Léxico Junguiano*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- SWEETMAN, D. *Vincent Van Gogh – Uma biografia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- VAN GOGH, V. *Cartas à Théo*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- VON FRANZ, M.L. *Reflexos da alma*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- WALTHER, I.F. *Van Gogh*. Colônia: Taschen, 1990.